Orquestra Gulbenkian

Risto Joost
Alexandra Dovgan

GULBENKIAN
MÚSICA

09 + 10 nov 23

09 nov 23 QUINTA 20:00
10 nov 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Risto Joost Maestro
Alexandra Dovgan Piano

Jean Sibelius
En Saga, op. 9 — c. 20 min.

Fryderyk Chopin
Concerto para Piano e Orquestra n.º 2, em Fá menor, op. 21 — c. 30 min.

1. *Maestoso*
2. *Larghetto*
3. *Allegro vivace*

INTERVALO

Ludwig van Beethoven
Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92 — c. 38 min.

1. *Poco sostenuto – Vivace*
2. *Allegretto*
3. *Presto – Assai meno presto – Presto*
4. *Allegro con brio*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h
INTERVALO DE 20 MIN.

Jean Sibelius

(Hameenlinna, 1865 – Jarvenpaa, 1957)

En Saga, op. 9

—

COMPOSIÇÃO 1892, rev. 1902
ESTREIA Helsínquia, 16 de fevereiro de 1893
DURAÇÃO c. 20 min.

O compositor finlandês Jean Sibelius assumiu-se como uma figura central no processo de formação de uma identidade nacional finlandesa em música. No contexto da sua produção, para além do notável conjunto das sete sinfonias, também os vários poemas sinfónicos ocupam um lugar destacado. O poema sinfónico *En Saga*, op. 9, foi uma das suas primeiras obras orquestrais, tendo sido concluído no ano de 1892. Concebida inicialmente como um octeto para cordas, flauta e clarinete, a obra acabaria por assumir uma versão orquestral, estreada logo no ano seguinte, em Helsínquia, sob a direção do próprio compositor. Em 1902, Sibelius dirigiria também, na mesma cidade, a estreia da versão revista e definitiva.

Trata-se afinal de uma obra que transborda de energia e que apresenta também um caráter atmosférico, evocativo da sua terra natal – a Finlândia –, apesar de ter recebido um título em sueco, que significa "conto de fadas". Esse título sugere que se trata de uma obra programática, mas de facto o compositor não parece ter partido de um programa em específico, considerando-a antes "a representação de um estado de espírito", ou "uma aventura numa paisagem interior". Estamos, assim, perante uma espécie de drama psicológico em música.

A obra inicia-se com uma introdução lenta, que decorre numa atmosfera de ansiedade e misticismo, ambiente no qual desponta, nas madeiras, a célula melódica principal, que em seguida se estende a outros naipes, até que a sua primeira derivação floresce nos violoncelos. Numa segunda secção o tempo é sujeito a uma aceleração, surgindo então uma segunda derivação do motivo inicial, marcada por um ritmo pontuado, bem como uma terceira derivação, agora ainda mais acentuadamente propulsiva. Na terceira secção, a segunda derivação dilui-se em texturas próximas da prática da música de câmara, e a terceira derivação, no oboé, torna-se mais lamentosa e suspirante.

Por sua vez, a quarta secção inicia-se de forma inesperada, baseada numa versão cada vez mais tumultuosa da primeira derivação. A obra conclui com um poslúdio, o qual apresenta as três derivações da célula melódica inicial num ambiente de intensa prostração, monotonia e solidão.

Fryderyk Chopin

(Żelazowa Wola, 1810 – Paris, 1849)

Concerto para Piano e Orquestra n.º 2, em Fá menor, op. 21

—

COMPOSIÇÃO 1829-30
ESTREIA Varsóvia, 17 de março de 1830
DURAÇÃO c. 30 min.

Fryderyk Chopin alcançou uma posição de destaque na história da música devido à sensibilidade do seu estilo melódico e harmónico, bem como à sua exploração das características técnicas e expressivas do piano, o seu instrumento de eleição. A sua produção concentra-se quase exclusivamente na música para esse instrumento, tendo em vários géneros fornecido contributos relevantes para o repertório. Ao nível da música para piano e orquestra, Chopin foi autor de seis obras, todas anteriores a 1831, data do seu estabelecimento em Paris, entre as quais se incluem dois concertos, um género que se constituía como um importante cartão de visita para qualquer pianista-compositor da época. O Concerto para Piano e Orquestra n.º 2, em Fá menor, op. 21, foi composto no outono de 1829, na realidade cerca de um ano antes do concerto que seria designado como n.º 1, em Mi menor, op. 11, tendo sido publicado pouco depois deste, porque o compositor se viu obrigado a reescrever as partes orquestrais, que se tinham perdido.
Foi com esta obra que Chopin se apresentou ao público em Varsóvia, a 17 de março de 1830, tendo estado também em destaque no programa com que se estreou em Paris, a 26 de fevereiro de 1832.
O primeiro andamento, *Maestoso*, inicia-se com uma exposição orquestral que anuncia uma parte substancial do material temático, seguindo-se nova exposição em colaboração com o solista. O primeiro tema, expressivo, é marcado por uma importante ideia rítmica e por fortes contrastes dinâmicos, e o segundo tema é mais lírico, em Lá bemol maior, ao estilo do *bel canto* da ópera italiana, sendo ambos elaborados pelo piano com expressivas nuances ornamentais e figurações virtuosísticas. Segue-se um *Larghetto*, em Lá bemol maior, que parte de uma longa melodia poética e sonhadora. Uma secção central contrastante, mais agitada, em que o piano executa um dramático recitativo operático, perturba por momentos a atmosfera de serenidade estabelecida, que logo é recuperada e prevalece até ao fim.
Por fim, o terceiro andamento, *Allegro vivace*, de novo em Fá menor, é um animado rondó imbuído do espírito e dos ritmos característicos da mazurca, que encerra com uma coda brilhante em Fá maior.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92

—

COMPOSIÇÃO 1811-1812
ESTREIA Viena, 8 de dezembro de 1813
DURAÇÃO c. 38 min.

Por volta de 1803, observou-se uma mudança fundamental na conceção estilística de Beethoven, para aquele que é comummente tido como o seu período médio, ou "estilo heroico". Esta fase prolongar-se-ia até cerca de 1812, tendo sido marcada por um novo ímpeto criativo revelador da sua recuperação da prostração causada pelo surgimento da sua surdez progressiva. A Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92, composta entre 1811 e 1812, é uma das obras mais notáveis desta fase, tendo sido estreada em Viena a 8 de dezembro de 1813, sob a direção do compositor, num concerto em benefício das tropas austríacas e bávaras que combatiam Napoleão, acontecimentos que o compositor seguia atentamente e que já tinham motivado outras respostas criativas suas (tais como a *Eroica*, op. 55, e *A vitória de Wellington*, op. 91, também estreada neste concerto). O primeiro andamento, *Poco sostenuto – Vivace*, abre com uma introdução lenta que antevê o percurso harmónico que a sinfonia atravessa, desembocando numa forma sonata ampla. O primeiro tema assume o cariz de uma dança folclórica marcada por uma figura rítmica propulsiva e implacável, que se detém apenas em alguns silêncios dramáticos, mas que nunca deixa de ocupar o centro das atenções, mesmo quando surge um segundo tema em Mi maior. Segue-se um *Allegretto*, em Lá menor, cuja beleza solene decorre de uma engenhosa combinação de um padrão rítmico insistente, linhas melódicas simples e harmonias expressivas, em dois momentos que enquadram uma secção central mais lírica, em Lá maior. Por sua vez, o terceiro andamento, *Presto*, em Fá maior, é um *scherzo* que irrompe alegre e enérgico, contrastando com um pequeno Trio central, em Ré maior, que oferece um interlúdio baseado num hino austríaco. Por fim, o quarto andamento, *Allegro con brio*, de novo em Lá maior, está concebido também como uma forma sonata, mas o seu caráter é o de um *scherzo* obstinado e indomável: o primeiro tema fervilhante tem uma energia rítmica que não desaparece completamente no segundo tema, em Dó sustenido menor, e após um desenvolvimento repleto de surpresas harmónicas a reexposição dirige-se para uma coda com energia exuberante.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Risto Joost

É reconhecida a versatilidade do maestro estónio Risto Joost nos domínios do concerto e da ópera. Ocupou posições relevantes como Maestro Principal da Orquestra de Câmara de Tallinn e Diretor Artístico do Coro da Rádio MDR de Leipzig. Desde 2020/21, é Diretor Artístico e Maestro Principal do Teatro Vanemuinel, em Tartu, na Estónia. Como maestro convidado, Risto Joost dirigiu a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Bergen, a Orquestra da Ópera Norueguesa, a Filarmónica de Tampere, a Tapiola Sinfonietta, a Sinfónica de Trondheim, a Filarmónica dos Países Baixos, a Filarmónica de Dortmund, a Württembergisches Kammerorchester Heilbronn, a Sinfónica da Rádio de Praga, a Filarmónica Janáček, a Filarmónica de Brno, a Orquestra de Câmara de Lausanne, a Orquestra de Câmara dos Países Baixos, a Orquestra do Teatro La Fenice, a Sinfónica Nacional da Letónia e a Sinfónica Nacional da Estónia, entre outras orquestras. Além disso, colaborou com o RIAS Kammerchor, o SWR Vokalensemble, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia. No domínio da ópera, dirigiu mais de vinte estreias. A discografia de Risto Joost inclui três álbuns (Ondine) dedicados ao compositor estónio Tõnu Korvits: *You are Light and Morning*, com a Orquestra de Câmara de Tallinn e o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia; *Hymns to the Nordic Lights*, com a Sinfónica Nacional da Estónia; e *Moorland Elegies*. Gravou também obras de J. Haydn, Peeter Vähi e Arvo Pärt. Pelas suas atividades artísticas na Estónia e no estrangeiro, Risto Joost foi distinguido no seu país com o Prémio de Música (2016) e com o Prémio Jovem Figura Cultural da República da Estónia (2011). Foi também premiado nos concursos de direção Malko (2015) e Jorma Panula (2012). Risto Joost estudou na Academia de Música da Estónia e na Universität für Musik und darstellende Kunst Wien. Em 2008 concluiu uma pós-graduação em direção de orquestra, com Jorma Panula, no Royal College of Music, em Estocolmo. Em 1999 fundou o coro de câmara Voces Musicales/Voces Tallinn, na Estónia. Foi Diretor Artístico do Birgitta Festival Tallinn, em 2017 e 2018.

Alexandra Dovgan

Alexandra Dovgan nasceu em 2007 no seio de uma família de músicos. Aos cinco anos, o seu raro talento permitiu-lhe ingressar na Escola Central de Música do Conservatório de Moscovo, onde estuda atualmente com a professora Mira Marchenko. Foi premiada em competições internacionais, incluindo o Concurso Internacional de Piano Vladimir Krainev, em Moscovo, o Concurso Internacional para Jovens Pianistas "Astana Piano Passion" e o Concurso Internacional de Televisão para Jovens Músicos "The Nutcracker". Tinha apenas dez anos quando recebeu o "Grande Prémio" do 2.º Concurso Internacional "Grand Piano Competition", com direção artística de Denis Matsuev.

Apesar de ser ainda muito jovem, Alexandra Dovgan estreou-se em algumas das mais prestigiadas salas de concertos: em 2018 tocou no concerto de abertura do Festival Internacional de Piano do Teatro Mariinsky, em São Petersburgo. Em 2019 apresentou-se pela primeira vez na Philharmonie de Berlim e no Concertgebouw de Amesterdão, no âmbito das *Meesterpianisten Series* de Marco Riaskoff. Em julho do mesmo ano, impressionou de novo o público e a crítica com um recital no Festival de Salzburgo. O ano terminaria com um recital no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris. Em 2020 regressou a Salzburgo para tocar com a Mozarteum Orchestra, sob a direção de Trevor Pinnock. Em Liubliana, colaborou com a Filarmónica Eslovena e Philipp von Steinaecker, e em Lugano tocou com a Orchestra della Svizzera e François Leleux. Em 2021, Gustavo Dudamel convidou-a a tocar o Concerto para Piano n.º 2 de Beethoven, com a Mahler Chamber Orchestra, em Burgos. Destacam-se ainda recitais no Konzerthaus de Viena, no Prinzregententheater de Munique, no Théâtre des Champs-Élysées, no Tonhalle de Zurique, no Festival de Piano do Vale do Ruhr (Duisburg), no Festival Internacional de Piano de Brescia e Bergamo, e ainda em Turim, Milão, Basileia e Copenhaga, entre outras cidades. Concertos com orquestra incluíram a Filarmónica de Estocolmo e o maestro Ton Koopman, a Sinfónica de Barcelona e Kazushi Ono, e a Orquestra de Câmara de Basileia e Umberto Benedetti Michelangeli. Em outubro de 2022, estreou-se em recital no Grande Auditório Gulbenkian.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS
Álvaro Pereira CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte
Nelson Nogueira*

VIOLAS
Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi*

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Gonçalo Lélis
Hugo Paiva
João Valpaços

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Romeu Santos*

FLAUTAS
Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Ana Filipa Lima 2º SOLISTA*

OBOÉS
Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES
Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES
Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Ana Maria Castro 2º SOLISTA*

TROMPAS
Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Daniel Canas 2º SOLISTA*

TROMPETES
Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 1º SOLISTA*

TROMBONES
Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA
Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES
Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO
Abel Cardoso 2º SOLISTA
Tomás Rosa 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes
Ricardo Pereira

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA

BPI | Fundação "la Caixa"

MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA

STONE

MECENAS
SEGURADORA OFICIAL

TRANQUILIDADE

MECENAS
CICLO DE PIANO

pwc

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade,
este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável,
oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**

BPI | Fundação "la Caixa"

Apoiamos a *cultura* para *melhorar a sociedade*



bancobpi.pt
fundacaolacaixa.pt

Mecenas Gulbenkian Música

Pedimos que desliguem os telemóveis
durante o espetáculo. A iluminação
dos ecrãs pode perturbar a concentração
dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias
nem fazer gravações sonoras
ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações
sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Novembro 2023

GULBENKIAN.PT